



XVII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Universidade, desenvolvimento e futuro na Sociedade do Conhecimento

Mar del Plata – Argentina
22, 23 e 24 de novembro de 2017
ISBN: 978-85-68618-03-5



PERFIL METODOLÓGICO DE PESQUISAS ELABORADAS NO ÂMBITO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES FEITAS PELA REVISTA CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO

ALESSANDRA DE LINHARES JACOBSEN

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
alessandradelinhairesjacobsen@gmail.com

SABRINA FONSECA DE CONTO

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
sfconto@gmail.com

RENATA COSTA SILVÉRIO

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
renata.silverio@ufsc.br

VÂNESSA DA ROSA GUIMARÃES

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
vanessarosaguimaraes@gmail.com

WANESSA CAROLINE DA SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
wanessacsi4@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do presente estudo é verificar a metodologia aplicada em pesquisas realizadas no âmbito das instituições de ensino superior brasileiras e publicadas pela Revista de Ciências da Administração (RCA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no período de 2011 a 2015. A citada Revista tem como objeto o desenvolvimento de temas na área de administração e áreas correlatadas. Neste contexto, este estudo analisa as metodologias empregadas nas pesquisas relatadas por tal periódico, utilizando, para tanto, a pesquisa bibliográfica, documental e descritiva, com abordagem qualitativa, além de elementos de estudo de caso. Os resultados obtidos indicam que, apesar do esforço dos autores na abordagem dos mais variados temas, a metodologia empregada por eles não apresenta diversidade significativa, havendo prevalência dos estudos com abordagem qualitativa e com objetivos exploratórios ou descritivos, o que se constitui em características típicas de pesquisas na área das ciências sociais aplicadas, em que se enquadra a Administração. Por fim, este artigo expõe a amplitude da metodologia científica, apesar de revelar a predileção para a adesão a métodos e técnicas típicas da abordagem qualitativa, confirmando a tendência apontada pela teoria para à área de estudo a que se referem os artigos analisados – a Social aplicada.

Palavras-chave: Pesquisa científica. Metodologia científica. Instituições de Ensino Superior. Periódicos científicos. UFSC.

1 INTRODUÇÃO

O interesse e o uso crescente da metodologia científica confirmam que as estratégias recomendadas para o planejamento e os processos de pesquisa conduzem o pesquisador ao conhecimento. Tudo em consonância com critérios exigidos pelos qualificadores de pesquisa, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação (BRASIL, 2017), por exemplo.

De outro modo, cabe destacar que promover métodos que norteiem os processos e atividades de pesquisa e que agilize o acesso rápido a soluções, capturando e garantindo que conhecimentos valiosos não se percam, além de fomentar melhores práticas de pesquisa, este é o desafio do pesquisador na atualidade. Neste contexto, as instituições de ensino superior, em particular as universidades, tem desempenhado um papel significativo, posto que é neste ambiente em que a maior partes das pesquisas é efetivada. Como recordam Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 16),

a universidade, a pesquisa e o acesso ao conhecimento e à produção de novas informações evoluem a grandes passos. Voltados anteriormente à formação profissional para ingresso no mercado de trabalho, os cursos superiores, hoje, respondem a múltiplas demandas da sociedade de nosso tempo, e os cursos de pós-graduação exploram praticamente todas as áreas do conhecimento. Multiplicam-se, igualmente, as agências de fomento, os institutos, as fundações e as empresas que investem em pesquisa, todos estes pautados pela excelência dos projetos e pela produtividade do pesquisador.

O processo de pesquisa, contudo, exige o uso de métodos, uma vez que o conhecimento científico é caracteristicamente racional e produzido de maneira sistemática (FLICK, 2009). Desse modo, a metodologia científica não mais configura como coadjuvante, nem como mais uma disciplina, mas sim, como procedimentos sistemáticos e racionais, sendo base para formação de pesquisadores, pois orienta tanto a prática, como as ideias. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p.17), a metodologia nasce da concepção sobre o que pode ser realizado e a partir da “tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz”.

O presente estudo tem como finalidade analisar a metodologia aplicada em pesquisas realizadas no âmbito das instituições de ensino superior brasileiras e publicadas pela Revista de Ciências da Administração (RCA), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no período de 2011 a 2015. A RCA (2017) tem como foco divulgar produções científicas em ciências da administração e áreas afins. Sua periodicidade é quadrimestral, a primeira publicação ocorreu em 1998 e seu acesso é gratuito. O periódico (RCA, 2017) é fomentado pelo Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Nesse sentido, o estudo busca responder às seguintes questões: Que procedimentos metodológicos foram abordados nessas pesquisas? Quais procedimentos metodológicos são os mais e menos utilizados nos artigos analisados?

Esta pesquisa justifica-se perante o esforço empenhado pela metodologia científica em oportunizar a superação de desafios, a destreza para auxiliar na transformação de ideias em problemas de pesquisa, por desenvolver competências, gerar aprendizado, impactar e implementar permanentemente as formas de pesquisa frente ao dinamismo interdisciplinar, uma vez que trabalha com elementos em diferentes áreas.

O estudo aborda os elementos fundamentais para seu entendimento, ou seja, o método empregado para elaboração deste artigo, sua fundamentação, a análise dos dados e as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento do conhecimento humano está associado à capacidade de observar, selecionar e organizar cientificamente as práticas de suas pesquisas. Compactuando com o exposto, Rampazzo (2005) define método como um conjunto de etapas, ordenadamente disposto, a ser vencido na investigação da verdade, no estudo de uma ciência, ou para alcançar determinado fim. E metodologia (do grego *methodos* + *logia*) significa “o estudo do método”.

Na próxima seção, apresentam-se aspectos conceituais relacionados à metodologia científica.

2.1 A METODOLOGIA CIENTÍFICA

O método científico é uma ferramenta fundamental e específica para diferenciar as mais diversas obras do saber científico. Importante salientar que nem toda obra que busca cuidar o emprego do método científico pode ser identificada como ciência (MARCONI; LAKATOS, 2007). Marconi e Lakatos (2007, p.83) ainda concluem “que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos”.

Durante muito tempo, estudiosos procuraram um método universal que fosse extensível a todo caso e a qualquer campo do conhecimento, porém, há alguns anos, verificou-se esta impossibilidade, devido à diversidade de métodos existentes, tendo cada um as suas peculiaridades (FLICKE, 2009). Diante da variedade de métodos que podem ser utilizados no desenrolar de uma trajetória científica, cada um com suas características específicas e aplicabilidades próprias, é importante classificá-los e ordená-los com base em critérios. Neste contexto, ressalta-se que o saber científico exige que o pesquisador saiba fazer escolhas, opções metodológicas pertinentes ao seu estudo (RIBAS; OLIVO, 2016).

Em conformidade com o exposto anteriormente, a fundamentação teórica deste estudo tem por objetivo demonstrar para o leitor as técnicas, os métodos e os instrumentos utilizados na formulação de uma pesquisa científica, principalmente, ao que se faz referencial na área da Administração.

Quando se trata de Técnicas de Raciocínio, lista-se quatro formas a serem abordadas, estas referentes ao método indutivo, o método dedutivo, o hipotético-dedutivo e o dialético. Em verdade, as técnicas de raciocínio se tornam importantes, pois, se configuram como “[...] uma forma de organizar o raciocínio da pesquisa, que é pressuposto básico para a existência de qualquer tipo de Ciência experimental [...]”, pois sem esse artifício a própria “[...] concepção de Ciência estaria limitada a um conhecimento sem possibilidade de comprovação ou verificação”. (MEZZARROBA; MONTEIRO, 2004, p. 65).

Conforme Mezzaroba e Monteiro (2004), a fundamentação do método indutivo consiste na observação de um objeto ou fenômeno específico, para que, partindo deste, sejam alcançadas conclusões gerais ou universais, ou seja, neste método, o pesquisador parte de dados particulares, e na proporção que estes vão sendo averiguados, permite-se inferir uma verdade mais ampla, utilizando as próprias premissas que serviram de alicerce.

A indução, de outro modo, é um processo mental em construção, partindo de dados particulares, e a medida que vão sendo analisados, são constatados e, dessa forma, verifica-se uma verdade mais ampla do que as contidas nas partes iniciais examinadas, por isso é um procedimento generalizador (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Para Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 46), o método dedutivo é uma técnica argumentativa, não caracterizando uma forma metodológica. Na opinião destes autores, a técnica dessa argumentação consiste em construir estruturas lógicas, por meio do relacionamento entre antecedente e conseqüente, entre hipótese e tese, entre premissas e conclusão. Em virtude disso, a indução irá aumentar o conteúdo das premissas, sem concluir com precisão os resultados, por isso, à medida que busca objetivar a certeza do produto ela prejudica a ampliação do conteúdo (MARCONI; LAKATOS, 2007).

O método hipotético-dedutivo, por sua vez, possui similaridade tanto ao processo dedutivo quanto ao processo indutivo. Em comum ao processo dedutivo verifica-se o procedimento racional que transita do geral para o particular, porém, em se tratando do método indutivo averigua-se que o procedimento é experimental como sua condição fundante. Sobre o assunto, Mezzaroba e Monteiro (2004, p. 68) recordam que, na perspectiva hipotético-dedutiva, “o pesquisador seleciona uma teoria de base ou elementos teóricos para marcar seu ponto de partida, partindo destes, formula hipóteses que serão verificadas no transcorrer de sua atividade indagativa”. Já, Gil (2008, p. 12) afirma que, “enquanto no método dedutivo procura-se a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la”.

Por fim, o método dialético tem sua origem na antiguidade clássica, podendo ser descrita como uma arte dialética, advindo do campo do diálogo, na qual a capacidade de argumentação e contra argumentação está em tópicos, cuja demonstração típica de raciocínios analíticos não é possível. Verifica-se que no modelo dialético não há evidências, mas existe a possibilidade de ser um campo opinável, desde que elas sejam fundamentadas e sustentadas por uma argumentação sólida (MEZZAROBA; MONTEIRO, 2004). Dessa forma, conclui-se que se trata de um modelo complexo, contínuo e dinâmico, na qual teses e antíteses alternam-se na formação de sínteses (RIBAS; OLIVO, 2016).

Em um próximo nível de análise, tem-se que a natureza da pesquisa pode se subdividir em básica e aplicada. A pesquisa básica caracteriza-se por ser um tipo de estudo sistemático motivado pela curiosidade intelectual, sendo também chamada de pesquisa pura (ZANELLA, 2009). Segundo Ferrari (1982), a pesquisa básica busca contribuir, entender e explicar os fenômenos. A pesquisa aplicada, em contrapartida, caracteriza-se por buscar a solução de problemas concretos, práticos e operacionais. É também chamada de pesquisa empírica pelo fato da necessidade de o pesquisador ir a campo, para conversar com as pessoas e presenciar relações sociais (ZANELLA, 2009). Para Ferrari (1982, p. 171), “não obstante a finalidade prática da pesquisa, ela pode contribuir teoricamente com novos fatos para o planejamento de novas pesquisas ou mesmo para a compreensão teórica de certos setores do conhecimento”.

Quanto à perspectiva, o estudo pode ser longitudinal ou transversal. Segundo Richardson (1999), o estudo de corte longitudinal consiste na coleta de dados de uma mesma amostra ao longo do tempo, enquanto que, no estudo de corte transversal, os dados são

coletados em um ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever uma população nesse determinado momento.

Em relação à abordagem das pesquisas, estas podem ser de duas formas: pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa, possuindo esta última suas subdivisões, como se apresenta a seguir.

A pesquisa quantitativa se preocupa com a representatividade numérica, utiliza-se medição objetiva e quantificação, verifica-se nela a presença do emprego de dados estatísticos, na coleta de dados tem por finalidade medir as relações entre variáveis. Além disso, quando retrata os resultados quantifica-os, transformando-os em dados estatísticos. Muito utilizado em pesquisas que medem opiniões, atitudes e preferências como comportamentos (ZANELLA, 2009).

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a ele conferem. Ao discutir as características da pesquisa qualitativa, Creswel (2007) chama atenção para o fato de que, na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos. Partindo dessa perspectiva, Bryman (1992) defende a idéia de que uma estratégia de pesquisa qualitativa é mais indicada para a análise de fenômenos sociais, e, portanto, mais alinhada às Ciências Sociais, já que seus praticantes poderão estar mais próximos às pessoas que estão investigando e ficarão menos propensos a lhes impor estruturas conceituais impróprias.

Com relação aos seus fins, a pesquisa pode ser classificada como exploratória, descritiva, explicativa, metodológica e intervencionista.

A pesquisa exploratória proporciona ao pesquisador obter maiores informações sobre determinado assunto, facilitando a delimitação do tema de trabalho e a definição dos objetivos, e ainda, provoca a formulação das hipóteses da pesquisa, as quais a investigação pode resultar na descoberta de um novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente (ANDRADE, 1999). Para Gil (2002, p. 41), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”.

A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa explicativa preocupa-se com os porquês dos fatos ou fenômenos que preenchem a realidade, isto é, com a identificação dos fatores que contribuem ou determinam a ocorrência, ou a maneira de ocorrer dos fatos e fenômenos. Consequentemente, envolve o pesquisador em um nível mais elevado de responsabilidade para com os resultados obtidos. (SANTOS, 2007). Este tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Ou seja, este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas por meio dos resultados oferecidos (GIL, 2002).

A pesquisa metodológica refere-se ao tipo de pesquisa voltada para a inquirição de métodos e procedimentos adotados como científicos. "Faz parte da pesquisa metodológica o estudo dos paradigmas, as crises da ciência, os métodos e as técnicas dominantes da produção científica". (DEMO, 1994, p. 37). A pesquisa metodológica está associada aos caminhos, formas, maneiras e procedimentos utilizados para atingir determinado fim (VERGARA, 2007).

Por fim, a pesquisa intervencionista, considerada como uma vertente da pesquisa-ação, é referenciada como uma técnica que pode produzir resultados relevantes, pois o seu objetivo é juntar a teoria com a prática, utilizando-se da técnica de estudar o objeto em sua prática cotidiana, mas com o propósito de gerar contribuições teóricas relevantes (WESTIN; ROBERTS, 2010). A pesquisa intervencionista não se satisfaz apenas na explicação do que se está sendo estudado, mas pretende interferir de alguma forma na realidade, no dia-a-dia do seu objeto de pesquisa (VERGARA, 2007).

Referenciando as pesquisas quanto aos seus meios, estas podem ser verificadas de algumas formas, que são analisadas na sequência.

Durante algum tempo, o estudo de caso foi encarado como procedimento pouco rigoroso, que servia apenas para estudos de natureza exploratória. Hoje, porém, é utilizado como delineamento para a investigação de um fenômeno dentro de seu contexto real, em que os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (YIN, 2001). Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2002).

Trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. (ARAÚJO *et al.*, 2008). Seus resultados, de modo geral, são apresentados em aberto, ou seja, na condição de hipóteses, não de conclusões (GIL, 2002).

A pesquisa participante caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Há autores que empregam a pesquisa-ação e a pesquisa participante como sinônimas. No entanto, a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional e técnico e a pesquisa participante envolve a distinção entre ciência popular e ciência dominante (GIL, 2002).

A pesquisa participante é um tipo de pesquisa que não possui um planejamento ou um projeto anterior à prática, sendo que o mesmo só será construído junto aos participantes. O pesquisador se incorpora ao grupo, confunde-se com ele e, por isso, enfrenta dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo e ser influenciado (LAKATOS; MARCONI, 2010).

A pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los (LAKATOS; MARCONI, 2010).

No entanto, a pesquisa de campo não deve ser confundida com a simples coleta de dados, é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (FERRARI, 1982).

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (documental, participante) (FONSECA, 2002).

Já, a pesquisa de laboratório caracteriza-se como estudo experimental, no qual o investigador cria uma situação isolada em um ambiente artificial (FACHIN, 2006).

O objetivo da pesquisa de laboratório depende daquilo que se propôs alcançar, deve ser previamente estabelecido e relacionado com determinada ciência ou ramo de estudo. As técnicas utilizadas também variam de acordo com o estudo a ser feito. Quatro aspectos devem

ser levados em consideração: objeto, objetivo, instrumental e técnicas (LAKATOS; MARCONI, 2010).

A pesquisa documental

trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

São considerados, assim, na pesquisa documental, documentos oficiais, como editoriais, leis, atas, relatórios, ofícios, ordem régia, etc., e os documentos jurídicos oriundos de cartórios, registros gerais de falência, inventários, testamentos, escrituras de compra e venda, hipotecas, atestados de nascimentos, casamentos, óbitos, entre outros (FACHIN, 2006).

A pesquisa *ex-post facto* é uma pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses; aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa; modificar e clarificar conceitos (LAKATOS; MARCONI 2010).

A pesquisa-ação é

um tipo de pesquisa social baseado na experiência, que é planejada e desenvolvida, sendo associada a uma ação ou à solução de um problema coletivo, no qual os investigadores e os participantes circunstanciais estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (VERGARA, 2006, p. 203).

A pesquisa-ação pressupõe a inserção num determinado ambiente que se quer investigar. Ela seria de alguma forma uma investigação participante. Isso significa que toda pesquisa-ação tem um cunho participativo, mas a pesquisa participante não é necessariamente uma pesquisa-ação. A pesquisa-ação é uma forma de experimentação em situação real, na qual os investigadores interferem com consciência. Os partícipes desempenham um papel ativo. As variáveis, de seu lado, não são isoláveis, posto que todas elas interfiram no que está sendo observado.

Para Maxwell (1996, p. 75-76), a triangulação “reduz o risco de que as conclusões de um estudo reflitam enviesamentos ou limitações próprias de um único método” pelo que conduz a “conclusões mais credíveis”. Vergara (2006), de forma sintética, afirma que a triangulação pode ser vista a partir de duas óticas: a estratégia que contribui com a validade de uma pesquisa; e como uma alternativa para a obtenção de novos conhecimentos, através de novos pontos de vista.

Outra dimensão a ser tratada em uma pesquisa diz respeito à sua delimitação, que compreende definir os sujeitos (informantes), a população e a amostra. População, para Steveson (1981), é conceituada como o universo da pesquisa, pois é o todo pesquisado, do qual se pode extrair uma parcela representativa que será examinada – a amostra. Conclui-se, com esta afirmação, que amostra é parte integrante da população. A amostra, em conformidade com o foi exposto no parágrafo anterior, é “uma pequena parte de algo ou de uma quantia, com a pretensão de mostrar a qualidade, estilo ou natureza do todo” (TURATO, 2003, p. 351). Com relação técnica de seleção dos integrantes de uma amostra, destacam-se dois tipos de amostragem: a probabilística e a não probabilística. Para Mattar (2007), a amostragem probabilística é aquela em que cada elemento da população tem uma chance conhecida e diferente de zero de ser selecionado para compor a amostra; e a amostragem não

probabilística é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, ressaltam-se o questionário, a entrevista e a observação.

O questionário é formado por perguntas ordenadas, sendo possíveis em três formas as descritivas, comportamentais e preferenciais, cada uma delas com suas características próprias. As descritivas descrevem o perfil dos participantes, pode ser em relação à renda, idade, escolaridade e profissão; as comportamentais buscam conhecer o comportamento em relação ao padrão de consumo, comportamento social, econômico, pessoal, entre outros, já as preferencias estão relacionadas a avaliação de opiniões de alguma condição ou circunstância que tem relação com a problemática da pesquisa (ZANELLA, 2009).

O pré-teste refere-se ao teste do questionário (entrevista) em uma pequena amostra de entrevistados, com o objetivo de identificar e eliminar problemas potenciais. A melhor maneira de efetuar o pré-teste é de maneira pessoal, para poder compreender melhor as atitudes e reações dos entrevistados, as respostas devem ser codificadas e analisadas, através desse resultado poderá haver uma nova adequação nos instrumentos utilizados na realização da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A entrevista, para Lakatos e Marconi (1991), é uma técnica muito utilizada para pesquisas qualitativas. Já, Minayo (1996) diz que tal técnica também pode ser utilizada, em pesquisas quantitativas quando se pretende retratar dados de censos, estatísticas, entrevista com pessoas. A entrevista nada mais é que um encontro de duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto (ZANELLA, 2009).

Um dos tipos de entrevista encontrado na literatura é a focalizada, que, para Gil (2008), embora tenha um tema em foco, é dada liberdade ao entrevistado quanto às respostas que dará, porém, quando este se desvia do assunto em pauta, esforça-se para sua retomada. Este tipo de entrevista é bastante utilizado em situações experimentais, objetivando explorar experiências vividas em condições precisas.

Para Nogueira (1968), o questionário, quando aplicado por ocasião de uma entrevista, é denominado de formulário.

Já, a observação subdivide-se em simples, sistemática, participante e não participante. A observação assistemática é aquela que segue os objetivos da pesquisa sem se ater a um plano específico e rígido. Este tipo de observação é também chamado de não estruturada (ZANELLA, 2009). A observação sistemática apresenta uma estrutura pré-determinada e segue um plano específico na sua aplicação. Este tipo de observação é também chamado de observação estruturada (ZANELLA, 2009). Na observação participante, o observador “assume, pelo menos até certo ponto”, afirmam Selltiz et al. (1972, p. 232), o papel de um membro do grupo e participa de sua atuação. E, por fim, na observação não participante o pesquisador atua como espectador atento, conforme apontado por Richardson *et al.* (2007). É uma técnica indicada para estudos exploratórios (SELLTIZ *et al.*, 1972).

Os diários são um registro realizado pelos usuários, da quantidade e tipo de canais da informação em um determinado período (CUNHA, 1982). Igualmente são consideradas as histórias da vida, que buscam obter informações sobre experiências íntimas dos sujeitos.

A próxima seção apresenta a metodologia adotada para o desenvolvimento do estudo ora relatado. E, após, são trazidos e analisados os resultados obtidos com a pesquisa realizada.

3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, a abordagem utilizada é a qualitativa, embora se utilize de métodos quantitativos de análise dos dados. A abordagem qualitativa busca dar significado aos fatos observados, o pesquisador se propõe a participar, a compreender e a interpretar as informações que ele seleciona, obtidas a partir de sua pesquisa. Já, na pesquisa quantitativa, parte-se do pressuposto de que o pesquisador possui conhecimento sobre o objeto de estudo e suas características, para poder, então, testá-las ou verificá-las.

Para Oliveira (2013), a pesquisa qualitativa pode ser considerada um processo de reflexão e análise da realidade, utilizando métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo no seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.

Quanto aos fins, o presente estudo é considerado descritivo, pois não tem a intenção de provar, mas sim, descrever os resultados obtidos com a análise das publicações da RCA.

Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 32),

[...] a descrição constitui a habilidade de fazer com que o outro veja mentalmente aquilo que o pesquisador observou. Em outras palavras, a descrição deve ser suficientemente precisa para que o interlocutor, ou o leitor, seja capaz de visualizar exatamente aquilo que o pesquisador observou.

Quanto aos meios, este artigo envolveu estudo de caso e pesquisa bibliográfica, pois foram necessários elementos que permitissem aos pesquisadores primeiramente fazer um levantamento teórico sobre metodologia de pesquisa, a consulta em administração e as metodologias mais utilizadas. Na pesquisa bibliográfica, foram analisados os artigos publicados na RCA, no período de 2011 a 2015, totalizando cinco anos. Este periódico existe desde 1998, mas os pesquisadores optaram por este período, considerando-se a acessibilidade ao periódico em meio impresso. A citada pesquisa tem como uma das suas finalidades divulgar pesquisas elaboradas pela comunidade acadêmica de instituições de ensino superior, sobretudo, de docentes e discentes de programas de pós-graduação relativos à área das Ciências Sociais Aplicadas.

Desta forma, a estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso, por se tratar de uma revista científica e suas publicações. Foram analisados 192 artigos científicos, sendo três números de cada volume, com exceção do volume 17 de 2015, que conta com um número a mais devido à edição especial. Foram lidos e analisados o resumo e os procedimentos metodológicos das referidas publicações, com vistas a classificar os artigos publicados quanto à abordagem utilizada e aos objetivos propostos. Posteriormente, foram geradas tabelas para melhor visualização dos dados coletados.

Sendo assim, a análise quantitativa juntamente com a fundamentação teórica é basilar para a contextualização dos constructos de pesquisa, que é abordado na sequência.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

A partir da leitura dos artigos publicados na RCA, entre o período de 2011 e 2015, e, com a verificação quanto às suas abordagens e objetivos, foi realizado um levantamento quantitativo, apresentado na Tabela 1, quanto à abordagem, e, na tabela 2, quanto aos objetivos.

Tabela 1 - Classificação dos artigos da RCA quanto à abordagem (2011-2015)

ANO/ABORDAGEM	2011		2012		2013		2014		2015	
QUALITATIVA	20	66,7%	19	63,3%	27	60,0%	30	66,7%	35	83,30%
QUANTITATIVA	7	23,3%	9	30,0%	14	31,1%	11	24,4%	5	11,90%
QUALITATIVA/ QUANTITATIVA	3	10,0%	2	6,7%	4	8,9%	4	8,9%	2	4,80%
TOTAL	30	100,0	30	100,0	45	100,0	45	100,0	42	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisando-se os dados constantes na Tabela 1, verifica-se que a abordagem metodológica utilizada nos estudos da RCA no período analisado é predominantemente qualitativa, pois 66,7% dos artigos publicados, em 2011, foram referentes a este tipo de estudo. O mesmo acontecendo com aqueles artigos publicados, em 2012, cujo percentual foi de 63,3%. Em 2013, 2014 e 2015, o número de artigos publicados na Revista foi maior e o uso da abordagem qualitativa aumentou proporcionalmente. Por outro lado, os estudos quantitativos foram de 11,9% a 30%, restando ainda, os trabalhos com abordagem quali-quantitativa, que obtiveram percentuais de 4,8% a 10% naquele período.

Analisando o total de artigos publicados no período, as pesquisas de abordagem qualitativa totalizaram 68,2%, seguidas das pesquisas quantitativas (24%) e quali-quantitativa (15%), acompanhando, desta forma, a tendência de cada ano. Os resultados obtidos quanto à abordagem escolhida pelos pesquisadores (tabela 1) confirma, em verdade, a tendência apontada por Bryman (1992), para o qual a abordagem qualitativa é mais condizente ao estudo de fenômenos sociais.

Na Tabela 2, observa-se o levantamento com relação à classificação dos artigos quanto aos objetivos.

Tabela 2 - Classificação dos artigos da RCA quanto aos objetivos (2011-2015)

OBJETIVOS/ ANOS	2011		2012		2013		2014		2015	
EXPLORATÓRIA	15	50,0%	9	30,0%	17	37,8%	14	31,1%	20	47,6%
DESCRITIVA	8	26,7%	12	40,0%	12	26,7%	22	48,9%	19	45,2%
EXPLICATIVA	1	3,3%	0	0,0%	3	6,7%	1	2,2%	0	0,0%
METODOLÓGICA	2	6,7%	0	0,0%	3	6,7%	0	0,0%	0	0,0%
INTERVENCIONISTA/AÇÃO	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	2,2%	0	0,0%
EXPLORATÓRIA/ DESCRITIVA	4	13,3%	9	30,0%	8	17,8%	4	8,9%	2	4,8%
DESCRITIVA/ EXPLICATIVA	0	0,0%	0	0,0%	2	4,4%	3	6,7%	1	2,4%
TOTAL	30	100,0	30	100,0	45	100,0	45	100,0	42	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao analisar a Tabela 2, verifica-se a predominância nos estudos com objetivos exploratórios e descritivos, intercalando-se entre si. Em 2011, a maior parte dos estudos tinha objetivos exploratórios (50%); em 2012, a maioria foi de estudos descritivos (40%); em 2013, novamente, estudos exploratórios foram a maioria (37,8%); em 2014, 48,9% foram pesquisas descritivas. Em 2015, a RCA apresentou quase a mesma quantidade de estudos exploratórios

e descritivos, (20 e 19, respectivamente), obtendo os percentuais de 47,6% e 45,2%, respectivamente.

Analisando as publicações de todo o período, verifica-se novamente a mesma tendência, ou seja, predominância de estudos exploratórios (39%), seguidos das pesquisas descritivas (38%) e exploratório-descritivas (14%). Com menor frequência, as pesquisas do objetivo descritivo-explicativas (3,12%), metodológicas (2,6%) e, por último, pesquisas intervencionistas ou pesquisa-ação (0,5%).

Desta forma, os resultados apontam para a predominância da abordagem qualitativa nos estudos da RCA, bem como dos objetivos exploratórios e descritivos. São estudos que, em sua maioria, envolvem pesquisa bibliográfica e documental, estudo de caso e pesquisa de campo.

Evidenciou-se que, de modo geral, os artigos demonstram características e tendências com relação às publicações acadêmicas sobre a área da administração.

5 CONCLUSÃO

É nas universidades que o vínculo entre pesquisador e sociedade se fortalece, em função de existir a pesquisa e extensão, de forma institucionalizada incentivando as publicações. Sendo assim, este estudo foi realizado com o objetivo de mensurar a produção científica de IES, por meio de um periódico da UFSC, mais precisamente, considerando-se artigos publicados na Revista de Ciências da Administração (RCA).

O resultado obtido na investigação sugere a predominância da pesquisa qualitativa na produção científica da área da Administração, na análise da RCA. Assim, a partir dos resultados, pode-se inferir que tal fato é uma característica desta área do conhecimento, por se tratar de uma ciência social aplicada, que tem como foco de investigação, na maior parte das vezes, o comportamento humano.

Outra característica apontada por este artigo é a preferência dos autores consultados pela pesquisa descritiva e exploratória, por se tratarem de métodos de investigação das práticas e vivências sob os mais diversificados enfoques e perspectivas. A pesquisa descritiva encarrega-se de observar, registrar e analisar os fatos. A exploratória descreve e relaciona situações existentes entre seus elementos.

Toda pesquisa científica necessita de qualidade e relevância para atingir seus objetivos. E, sendo a administração uma ciência social aplicada, definida como a arte de direcionar e propor caminhos para a concretização de ações que levem a humanidade a excelência, por meio do alcance de suas metas e objetivos, justificam-se as opções metodológicas realizadas pelos autores analisados.

As atividades de pesquisa no meio acadêmico atuam como mediadoras entre a teoria e a prática, proporcionando aos discentes e docentes o entendimento do dia a dia, e a construção de diferentes críticas para o desenvolvimento das ciências. A metodologia científica, enquanto disciplina, é o “caminho” a se seguir para elaborar uma pesquisa científica, sem esquecer as normas técnicas.

Por fim, pode-se afirmar que a metodologia científica participa do desenvolvimento do conhecimento humano, pois é entendida como guia para que qualquer assunto possa ser desenvolvido, estudado, analisado cientificamente pelo homem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1999.

ARAÚJO, Cidália et al. Estudo de caso: métodos de investigação em educação. **Instituto de Educação e Psicologia**, Universidade do Minho, 2008.

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**. MEC: Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BRYMAN, Alan. **Quantity and quality in social research**. London: Routledge, 1992.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Murilo Bastos. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, 1982.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MATTAR, Fauze Nagib. **Pesquisa de marketing**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAXWELL, Joseph Alex. **Qualitative research design**: an interactive approach. 3. ed.[S.l]:Sage. 1996.

MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual da metodologia em direito**. São Paulo:Saraiva, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1996.

NOGUEIRA, O. **Pesquisa social**: introdução às suas técnicas.São Paulo: Nacional, 1968.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2005.

RCA – **Site da Revista de Ciências da Administração**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

_____. **Revista de Ciências da Administração**. Florianópolis: Ed. da UFSC,1998-. Quadrimestral.

RIBAS, Ruy Tadeu Manbrini; OLIVO, Luís Carlos Cancellier. Adoção de métodos científicos como componente metodológica e sua explicitação nas dissertações publicadas entre 2010 e 2014 de um programa de pós-graduação em administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 18, n. 44, p. 81-90, abril 2016.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____.**Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

STEVENSON, William. **Estatística aplicada à administração**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

TRIVIÑOS, Antonio Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas**. Petrópolis: vozes, 2003.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

WESTIN, O.; ROBERTS, H. I. Interventionist research: the puberty years: an introduction to the special issue. **Qualitative Research in Accounting & Management**, v.7, n.1, p. 5-12, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.

ZANELLA, Cleunice. Metodologia de estudo de pesquisa em administração. **Fascículo de Metodologia Científica, UFSC/MEC/CAPES/PNAP**, Florianópolis, 2009.